



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de abertura da 11ª Conferência Nacional de Direitos Humanos e  
entrega do 14º Prêmio dos Direitos Humanos**

**Palácio do Planalto, 15 de dezembro de 2008**

Outro dia eu estava num ato e uma pessoa gritou “lindo” e eu falei:  
“Mentirosa”.

Companheiro Paulo Vanuchi,  
Companheiros ministros,  
Companheira Carmelita Pires, Ministra da Justiça de Guiné Bissau, que  
nos visita e participa deste encontro,  
Companheiros delegados,  
Companheiros e companheiras,

Eu vou deixar minha nominata de lado, Paulinho, porque a nominata é  
muito longa e eu queria falar um pouquinho com vocês. Não se assustem com  
o discurso, porque eu também não vou lê-lo.

Eu queria dizer para vocês da grata alegria, da grata satisfação de estar  
participando desta 11ª Conferência Nacional de Direitos Humanos. Eu não sei  
quantos países no mundo tem uma sociedade ativa como tem a sociedade  
brasileira. E cada vez que a gente olha para a frente e vê que já conquistamos  
alguma coisa, nós olhamos para trás e percebemos que nós já conquistamos  
algumas coisas, e olhamos para a frente e percebemos o quanto falta ainda a  
gente conquistar, neste país. Esse é um processo, e é inexorável que ele seja  
assim. Na medida em que a sociedade vai se organizando, na medida em que  
a sociedade vai aumentando o seu nível de consciência, as conquistas vão  
acontecendo uma atrás da outra.

Se nós quiséssemos pegar um exemplo de que as coisas, muitas vezes,



não dependem apenas de vontade política, porque eu passei 30 anos da minha vida achando que tudo dependia da vontade política... Vamos pegar o caso da Raposa Serra do Sol, que é um caso emblemático, que é o caso mais recente, em que logo em 2004 nós propusemos um acordo, era praticamente um pacote, que atendia não apenas os índios da Raposa Serra do Sol como a outras pessoas no Brasil, que defendiam a questão da demarcação em área contínua na Raposa Serra do Sol, fizemos um pacote e esse pacote não foi implementado porque havia muita contradição e muita resistência a esse pacote, até que o processo foi parar na Justiça. E quando chega na Justiça, nós estávamos com 8 a 0, demarcando a área de forma contínua e, de repente, um ministro pede vista e nós temos apenas que aguardar que haja o resultado final, apesar de 8 a 0 já ter definido praticamente a maioria absoluta na Suprema Corte, em favor daquilo que estava no projeto original.

De qualquer forma, foi pedido vista, o Supremo Tribunal Federal entra em recesso por esses dias, e eu penso que isso só deve ser votado lá para março do ano que vem, quando tiver reabrindo a Suprema Corte. E assim tantos outros casos.

Agora, uma coisa, vocês que são militantes dos direitos humanos neste país, sabem que nós conseguimos avançar em muitas áreas. Sabem o que a nossa companheira Nilcéia conseguiu avançar, na conquista dos direitos para as mulheres, sabem o que o Edson conseguiu avançar, na conquista do direito dos negros, coisa que a Matilde já tinha avançado muito, e sabem que o Paulinho Vanuchi avançou de forma extraordinária na questão dos direitos humanos.

E nós sabemos que temos muito, mas muito, para avançar. Nós temos que quebrar barreiras, fazer novas leis, mudar a cabeça das pessoas, politizando as pessoas sobre um sem-número de coisas, que parecem um absurdo. Não faz pouco tempo eu fui criticado porque disse que era preciso criar o “dia da hipocrisia” neste país, porque tem tanta coisa que a gente



poderia fazer e que, muitas vezes, não se discute com a profundidade que deveria se discutir vários assuntos. Entretanto, eu sou daqueles que acham que não tem retorno na conquista da sociedade para que os Direitos Humanos possam definitivamente dar a cada um de nós total possibilidade de não vermos as coisas que a gente ainda vê na televisão, nos jornais e no cotidiano de cada um de nós.

E eu digo sempre que uma das coisas mais ofensivas que eu sinto é a questão do preconceito. É o medo de discutir, é a disposição de não querer enfrentar determinados temas porque parecem tabus, e a gente não sabe quem foi que fez a lei criando o tabu para determinadas coisas que não se discute abertamente no Brasil. A questão do aborto, não se trata de ser contra ou a favor, se trata de nós discutirmos com muita franqueza, que é uma questão de saúde pública, é uma questão de saúde pública.

Se perguntarem para mim, eu já disse isso abertamente, se perguntarem para mim, eu sou contra. Ora, meu Deus do céu. Mas quantas madames vão fazer aborto até em outro país, e as pobres morrem na periferia dos grandes centros urbanos deste país? Isso é uma coisa que nós temos que debater e não ter medo de debater. Não se trata de quem gosta da vida ou não, porque eu acho que tem pouca gente que gosta mais do que eu de defender a vida. A vida inteira brigo por isso, mas é preciso apenas que a gente faça o debate.

A questão do negro neste país, dizer que não tem preconceito no Brasil, é lógico que tem. A Constituição proíbe, a Constituição assegura que não deve ter preconceito, mas o preconceito não é uma lei, é uma cultura. Então ou nós enfrentamos esse debate com muita força e debatemos em todos os lugares, ou nós vamos atravessar mais um século com preconceito. A gente não pode se esquecer nunca que há 40 anos morria Luther King, e 40 anos depois, os Estados Unidos, que são um país que tem muito racismo, elegem um negro presidente da República, é um feito extraordinário. Da mesma forma que é um feito extraordinário a eleição de um índio para presidir a Bolívia.



Ora, na verdade, isso tudo nos conduz a ter consciência de que a gente conquista as coisas, basta a gente perseverar. Eu me lembro do preconceito quando se colocou na minha agenda, no ano passado, que eu ia participar da primeira conferência dos companheiros e das companheiras do LGBT. Eu lembro mesmo: “o que a imprensa vai dizer, o Presidente vai participar, sabe, não é prudente, a imprensa vai massacrar o Presidente” O que aconteceu? A Conferência deu um banho de cidadania que a imprensa não pôde sequer fazer uma crítica.

Eu penso, meu companheiro Paulinho, que você me convidou para o dia errado. Eu, na verdade, não deveria estar aqui na abertura, eu deveria estar no encerramento, onde vocês vão me entregar uma pauta de reinvidicação daquilo que vocês aprovaram. Eu não posso voltar porque eu vou para a Bahia agora, em uma reunião de todos os presidentes da América Latina e do Caribe, e depois eu vou receber o presidente de Cuba, o Raúl Castro, aqui na quinta-feira.

Então eu não poderia participar, mas como eu tenho certeza de que vocês sabem da relação que Paulinho e eu temos... Certamente ele me levará da forma mais fiel possível aquilo que aqui foi aprovado, e podem ter certeza de uma coisa, companheiros: não é pouca coisa o que nós conquistamos neste país, o que a sociedade civil conquistou neste país, de Direitos Humanos. Não é pouca coisa. Falta muito? Falta. Falta muito para a gente conquistar, mas temos que trabalhar. Quem defende as cotas acha que é uma maravilha a cota para o povo negro na universidade, mas precisa olhar o outro lado, quantas pessoas são contra e ficam criticando? E quando nós aprovamos o ProUni... Graças a Deus, já tem 40% dos alunos do ProUni negros e negras da periferia. Então o que é importante é que a gente não perca a esperança de que a gente vai avançar a cada dia. E vai avançar não por minha causa, ou apenas por causa do Paulinho, a gente vai avançar porque vocês há muito tempo conquistaram o direito de transformar os direitos humanos numa coisa do dia-



a-dia de uma grande parcela da sociedade brasileira. Não é mérito pessoal do Presidente ou do ministro, é mérito de cada um de vocês, que mesmo quando tinham um governo que não queria discutir, vocês estavam nas igrejas, nas casas paroquiais, nas ruas, fazendo manifestação e reivindicando direitos humanos. Essa é uma típica conquista da sociedade brasileira e qualquer pessoa compreende isso.

Então eu queria dizer para vocês, companheiros e companheiras... a primeira coisa é que não tenham nenhum receio de colocar no papel as coisas que vocês entendem que precisam melhorar e melhorar muito. É importante saber que uma das maiores conquistas dos direitos humanos é a democracia, é a convivência democrática na diversidade. Ninguém precisa falar a mesma língua, ninguém precisa ter a mesma cor, o mesmo cabelo. Nós poderemos ter idéias diferentes, mas o que é importante é que a gente tenha a grandeza de sentar em torno de uma mesa e discutir. E aprovar não aquilo que eu quero, mas aquilo que é possível ser aprovado consensualmente por essa militância extraordinária que veio do Brasil inteiro.

Eu queria, Paulinho, quase que em uma homenagem... agora você. Agora você, especialmente a você, porque eu sei da sua dedicação, eu sei o quanto você fica alegre quando as coisas dão certo, eu sei o quanto você sofre quando as coisas dão errado, eu sei da sua dedicação. Sobretudo o companheiro Paulinho, que entrou no governo para me ajudar em um momento muito difícil, que depois, por problemas particulares, queria sair e, por um pedido meu, eu penso que não sairá mais, porque faltam só dois anos pra gente governar este país.

Então eu penso que já fiz isso com o nosso companheiro Edson, nós já fizemos isso com a Pesca... eu tenho duas secretarias que nós precisamos melhorar o nível. E eu não posso falar isso pra você porque a Nilcéa está me olhando feio. Então eu quero te dizer, Paulinho, que vocês poderiam colocar na pauta do documento de vocês transformar a secretaria em um ministério, para



que a gente possa consagrar isso. E também, Nilcéa, ficaria só você sendo secretaria. Eu acho que a gente deveria também já passar as mulheres de secretaria para ministério, para a gente poder resolver.

Se amanhã entrar alguém que não pense assim e quiser acabar com o ministério, é um direito do Presidente da República trocar ministros para lá e para cá. Mas como eu estou convencido de que nós precisamos de uma continuidade por mais alguns anos neste país, eu acho que nós vamos ter que aprimorar todas as coisas que nós fizemos aqui.

Por isso eu queria que vocês levassem em conta o seguinte: aproveitem, aproveitem, não tenham medo de reivindicar, não tenham medo de se queixar, não tenham medo de falar mal do Presidente, não tenham medo de criticar o Presidente, porque foi assim que eu aprendi a fazer política. Foi assim que eu aprendi a fazer política: protestando, criticando, às vezes até sendo chamado de radical. Mas é esse radicalismo, no exercício da democracia, que permite que um governante não fique olhando apenas para o seu próprio umbigo, porque se 80% acha que está bom... Mas é preciso saber que ainda falta muito para a gente poder realizar o sonho que nos trouxe à Presidência da República em 2002 e se repetiu em 2006.

Eu tenho convicção de que vocês, independentemente do partido a que pertencem – independentemente, aqui ninguém pediu carteirinha de filiação para que vocês fossem delegadas – aí não importa que seja do PT, do PMDB, do PSDB, do PSOL, do PSTU, do PSP, do PDT... o que importa é que vocês são mais do que isso, vocês são militância pela cidadania neste país, pela conquista definitiva dos direitos humanos.

Bom Congresso, boa sorte e até o dia em que vocês forem me entregar o documento final. Um abraço, gente.

(\$211A)